

GAYLE TZEMACH LEMMON

A guerra de
*** Ashley ***

Mulheres soldados das operações
especiais no campo de batalha

Tradução de
Ângela Lobo

ANFITEATRO

Prefácio: Kandahar

A segunda-tenente White entrou na “sala de preparação” e começou a se arrumar para a noite de batalha.

Kandahar, agosto de 2011, 22 horas: um cômodo estreito junto a um corredor principal, ladeado por prateleiras de compensado e gavetas de plástico cheias de rolos de velcro, fios elétricos e fitas adesivas resistentes. O cheiro de óleo para armas pairava no ar. White fizera uma longa lista de equipamentos e, agora, apanhava calmamente os itens que a missão exigia:

Capacete e óculos de visão noturna. Checado.

Fones de ouvido para comunicação com o líder do pelotão. Checado.

Fuzil M4. Checado.

Pistola M9. Checado.

Munição para ambos. Checado, checado.

Proteção ocular para impedir que poeira e areia causem cegueira repentina. Checado.

Cartões de anotações e canetas para documentar tudo o que for dito e encontrado. Checado.

Barras Cliff, caso a missão se prolongue. Checado.

Jolly Ranchers e Tootsie Rolls para as crianças da vila. Checado.

Torniquetes para estancar sangramento de um companheiro soldado. Checado.

Luvas de procedimentos.

Fitas zip.

Água.

Checado. Checado. Checado.

White sentia o medo aumentando, mas militares experientes haviam dado conselhos de sobra para o tipo especial de apreensão que acompanha um soldado em sua primeira missão noturna. “Fica mais fácil depois da primeira vez”, eles asseguravam aos novatos durante o treinamento. “Não ceda, passe por isso.”

Agora, pronta, White entrou na sala de reuniões e absorveu a cena. Dezenas de homens calejados de batalhas, de uma das melhores e mais bem preparadas equipes do Exército, o 75º Regimento Ranger de Operações Especiais de Elite, estavam reunidos para assistir a uma apresentação em PowerPoint numa grande sala de conferências. Muitos tinham a condecoração do Coração Púrpura e ações em campo de batalha que chegavam a dois dígitos. Em torno deles, estava a equipe que apoia os soldados em campo com informações, comunicação e remoção de explosivos. Todos estavam estudando um diagrama do complexo que tinham como alvo enquanto comandantes conferiam o plano da missão em seu linguajar próprio, uma mistura de abreviações e jargões do Exército que, para os não iniciados, soava como um idioma estrangeiro. Contudo, cada pessoa na sala sabia precisamente onde tinha que estar, qual era sua função e como ajudaria a realizar a missão daquela noite.

White teve a sensação de que estava num filme de guerra de Hollywood. Em pé, perto dela, estava um praça e veterano da Guerra do Iraque com o qual a segunda-tenente treinara.

– Devemos dizer alguma coisa? – perguntou White.

A sargento Mason, também ali pela primeira vez, aproximou-se mais e cochichou uma resposta. Nenhuma das recém-chegadas queria se destacar mais do que já eram destacadas.

– Não, acho que não, hoje à noite não. O último grupo falará por nós.

Isso foi um alívio. White não tinha a menor vontade de chamar atenção numa sala cheia de soldados que claramente se sentiam em casa num combate. Como um elenco de atores que encenava a mesma peça há uma década, eles sabiam as falas e movimentos uns dos outros

e, fora do palco, conheciam as histórias de vida uns dos outros. Para White, era uma revelação inesperada colhida durante uma análise de missão de quinze minutos numa sala de conferência improvisada no meio de uma das províncias mais perigosas do Iraque: aquilo era uma unidade familiar. Uma irmandade.

A reunião terminou, o oficial no comando se encaminhou para a frente da sala e os soldados de repente gritaram em coro:

– Rangers vão na frente!

Eles bateram continência num movimento bem coreografado e saíram em fila.

A segunda-tenente novata fez o mesmo, esperando que seu gesto não parecesse desajeitado demais para uma principiante, e acompanhou os outros, seguida pela sargento Mason. Elas entraram em seu escritório – na verdade, um armário de vassouras – e respiraram pela primeira vez.

– Ufa – permitiu-se White.

– Essa merda é séria – disse Mason. – Isso é demais.

Então, sem mais uma palavra, iniciaram uma verificação de sistemas, testando a frequência de seus rádios para se assegurar de que funcionavam direito. Estes seriam a corda salva-vidas durante a missão. Elas checaram três vezes os óculos de visão noturna, que se prendiam no alto de seus capacetes, e se certificaram de que tinham baterias para todos os aparelhos eletrônicos que carregavam: fones de ouvido, rádios e um laser vermelho que lhes permitia apontar coisas um para o outro em silêncio. Quando saíram do alojamento, cada uma delas carregava mais de vinte quilos de equipamentos.

Num dos muitos bolsos com velcro do uniforme de White, havia informações sobre o insurgente que procuravam e uma lista de crimes dos quais ele era suspeito de ter cometido. Em outro bolso, estavam uma medalha de São José e um santinho de oração. White saiu do alojamento e se esforçou para esconder qualquer vestígio das emoções intensas que aquele momento trazia: orgulho por fazer parte de uma equipe à caça de um terrorista que estava matando soldados

americanos e seus próprios compatriotas; apreensão por pensar que depois de um rápido voo de helicóptero todos eles estariam na sala de visitas do terrorista. Porém, era exatamente isso que White queria e exatamente para isso que treinara: para servir com seus companheiros soldados naquela longa guerra e fazer algo que tivesse importância.

Os combatentes se enfileiraram por ordem de sobrenome e marcharam para dentro da escuridão abismal da noite de Kandahar. Diferentemente das cidades americanas de onde vinham, cujos céus com frequência eram enevoados pela poluição da indústria, do trânsito e de milhões de luzes que movem uma sociedade moderna 24 horas por dia, o negrume de Kandahar se estendia em constelações sem fim sobre as quais eles apenas liam em casa. O céu era glorioso e, por um instante, White reduziu o passo e admirou o cintilante recital celeste apresentado acima. Mas, então, um forte fedor puxou com força a jovem oficial de volta ao momento. Por mais divino que o céu estivesse, era terreno demais o cheiro de excrementos humanos que pairava e parecia cercar o acampamento em Kandahar. Numa cidade cujo sistema de esgotos fora quase todo destruído pela guerra, o cheiro de fezes atacava com ferocidade toda vez que um soldado estava na direção do vento.

No entanto, White estava concentrada em algo ainda mais mundano: permanecer ereta enquanto marchava pela primeira vez ao longo de uma pista de aterrissagem sem pavimento, cheia de pedras, em total escuridão. “Concentre-se no próximo passo”, ordenou White em silêncio. “Nada de erros. Faça seu trabalho. Não se atrapalhe.”

De vez em quando, chegava o som de soldados debochando uns dos outros, trocando piadas e humor negro. Mas White também detectou, nas cinzas laranja do cigarro de um Ranger que se apagava, indícios do estresse que todos compartilhavam. Eles lidavam bem com a exaustão, mas a exaustão estava se manifestando ali.

White e Mason foram parar ao lado de seus companheiros “facilitadores” de Operações Especiais, um grupo que incluía os caras da remoção de explosivos que ficaram famosos no campeão de bilheteria de Hollywood *Guerra ao terror*. (Mesmo que nenhum dos caras tenha

adorado o filme, todos eles puderam apreciar a cena no fim, dentro de uma mercearia, onde um soldado que acabara de retornar para os Estados Unidos examina o corredor de cereais em toda a sua glória superabastecida e se pergunta por que um país precisa de tantas opções.) Logo atrás, estava a intérprete, uma americana afegã que entrava agora em seu quarto ano no Afeganistão. Apesar do conhecimento da língua, seu equipamento parecia saído da era Eisenhower. Todos achavam que algum soldado usara aquele capacete no Vietnã; este mal conseguia segurar os grampos para os óculos de visão noturna e estava seriamente deformado.

Ao entrarem no helicóptero apertado, White e Mason estavam determinadas a não cometer o erro de principiante de se sentar no lugar errado; então ficaram atrás de um primeiro-sargento que pusera as recém-chegadas sob sua asa. Depois que ele se sentou, elas seguiram o exemplo, engatando uma corda elástica que pendia de um gancho de metal em seus cintos no gancho que ficava embaixo do banco de metal estreito. Teoricamente, essas cordas as impediriam de voar dentro – ou *para fora* – do helicóptero enquanto estivessem no ar. Os soldados se enraizaram e, com um zumbido repentino, o aparelho partiu. A única coisa que a segunda-tenente White conseguiu ver através da neblina verde dos óculos de visão noturna foi o clarão das luzes do helicóptero ao decolar.

“Lá vamos nós”, pensou White. Externamente, o retrato da tranquilidade, por dentro a jovem oficial sentiu uma onda de adrenalina e medo. Tudo – o processo de seleção, o treinamento, a ação em campo de batalha – acontecera muito rápido. Agora, de repente, aquilo era real. Durante os nove meses seguintes, era assim que seria toda noite.

Mas chega de sonhar.

“Concentra”, ordenou White. “Volta para o trabalho à sua frente. Qual é o protocolo para os próximos passos?”

Preparar para o pouso.

Desenganchar.

Sair do aparelho.

Correr como uma louca.

Ajoelhar uma perna.

Sob o barulho estrondoso do motor, a primeiro-sargento marcou a contagem do tempo com sinais de mão.

“Seis minutos.”

“Três minutos.”

White se virou para Mason e ergueu os polegares com um sorriso cheio de uma confiança que não sentia.

“Um minuto.”

Hora do show.

O aparelho pousou e a porta se abriu de repente, como a boca de um enorme réptil selvagem que descera do céu. White seguiu os outros e correu uma curta distância antes de ajoelhar uma perna, conseguindo evitar o pior do blecaute parcial, aquele redemoinho de poeira, pedras e só Deus sabe o que mais que sobe quando um helicóptero parte.

Engasgando com uma massa de terra e lama, White resmungou de modo inaudível, *Bem-vinda ao Afeganistão*, antes de se levantar para ajustar os óculos de visão noturna desajeitados que, agora, ofereciam as únicas lentes para o mundo externo. Sem mal trocar uma palavra, os Rangers formaram uma fila e começaram a marchar em direção ao complexo que tinham como alvo.

O chão estalava sob seus pés, enquanto eles avançavam em meio a plantas trepadeiras e uádis, os ubíquos canais e leitos de rio secos do Sul do Afeganistão. Eles marchavam com rapidez e, embora os óculos de visão noturna tornassem a percepção profunda um desafio quase impossível, White conseguiu não tropeçar sobre as muitas trepadeiras que serpenteavam pela paisagem sulcada. Ninguém emitia um som. Até mesmo uma tosse abafada poderia ricochetear no silêncio e trazer um ruído indesejado para a operação. Cada soldado no alvo sabe que a surpresa é a chave para continuar vivo. E o silêncio é a chave para a surpresa.

Quinze minutos depois, eles chegaram ao objetivo, embora para White a sensação era a de que apenas um minuto se passara. Podia-se ouvir a voz da intérprete se dirigindo em pachtun aos homens da casa, exortando-os a vir para fora. Alguns minutos depois, os soldados americanos e afegãos entraram no complexo para procurar o insurgente e algum explosivo ou arma que ele pudesse ter escondido ali dentro.

E, então, a segunda-tenente Ashley White ouviu a convocação que a levava do calor de sua casa na Carolina do Norte para um dos lugares mais remotos – e perigosos – do mundo.

– CST,* venha até aqui – chamou uma voz no rádio.

O trio de soldados femininos – White, Mason e a intérprete civil, Nadia – seguiu a passos largos em direção ao complexo banhado pela neblina verde de seus óculos de visão noturna. Era bem no meio da noite, mas o dia estava apenas começando para White.

Sua história na guerra acabara de começar. Era chegada a hora de as mulheres irem trabalhar.

* Cultural Support Team (Equipe de Apoio Cultural). [N. da T.]